

Risco aumentado de parto prematuro

Ser infectada pelo coronavírus durante o terceiro trimestre de gestação é ligado a uma vulnerabilidade ao menos duas vezes maior de dar à luz antes da 37ª semana. A condição é pior entre aquelas que apresentam os sintomas da covid-19

Entender os desdobramentos de uma infecção pelo novo coronavírus durante a gravidez tem desafiado os cientistas, principalmente considerando a diversidade de mudanças na mulher e no feto ao longo de um período relativamente curto. Uma equipe de Israel acaba de divulgar os resultados de uma das primeiras pesquisas a analisar os impactos da covid-19 em gestantes por trimestre. A principal constatação é de que a infecção pelo Sars-CoV-2 está associada a um risco aumentado de parto prematuro quando o contágio se dá no último trimestre da gestação.

A equipe do Centro de Pesquisa e Inovação Kahn-Sagol-Maccabi, liderada por Noga Fallach, avaliou dados médicos de 5.146 mulheres, com idade média de 28 anos, colhidos entre 21 de fevereiro de 2020 e 2 de julho de 2021. Metade das participantes havia sido infectada durante a gravidez. A outra metade, não. Das infectadas, 17,4% haviam contraído o Sars-CoV-2 no primeiro trimestre da gestação, 34,2% no segundo, e 48,4% no terceiro.

Os cientistas consideraram na análise fatores de risco, como ocorrência de hipertensão, diabetes e histórico de aborto. O resultado do trabalho indicou que a infecção pelo Sars-CoV-2 no primeiro e no segundo trimestres da gestação não foi associada ao aumento do risco de parto prematuro. Por outro lado, as mulheres infectadas no terceiro trimestre foram 2,76 vezes mais propensas a dar à luz antes da 37ª semana de gestação, quando comparadas às gestantes que não tiveram covid-19.

A condição foi ainda mais grave entre as grávidas infectadas após a 34ª semana de gestação. Nesse caso, o risco de ter o parto prematuro foi sete vezes maior. De uma forma geral, as grávidas que apresentavam os sintomas da covid no terceiro trimestre da gestação eram ainda mais vulneráveis. “Nossos resultados indicam que a idade gestacional na infecção por Sars-CoV-2



Durante o terceiro trimestre, especificamente após 34 semanas de gestação, as mulheres devem praticar distanciamento social e proteção respiratória para reduzir o risco de resultados adversos”

Trecho do artigo divulgado na última edição da revista PLOS One

desempenha um papel significativo no resultado da gravidez”, enfatizam os autores do artigo que detalha a pesquisa, publicada na última edição da revista *PLOS One*.

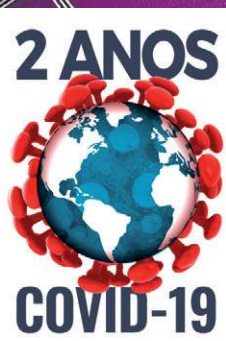
Aborto

Os cientistas também constataram que houve uma menor taxa de ruptura da bolsa antes do início do trabalho de parto em mulheres infectadas: 39,1%, contra 58,3% em não infectadas. O peso ao nascer neonatal foi menor em bebês de grávidas que tiveram covid-19. Por outro lado, não houve diferenças significativas nas proporções de cesarianas e perda de bebês em ambos os grupos.

Para os autores, os resultados indicam a necessidade de cuidados pré-natais específicos para infectadas pelo Sars-CoV-2 que estão mais próximas do fim da gestação. “Durante o terceiro trimestre, especificamente após 34 semanas de gestação, as mulheres devem praticar distanciamento social e proteção respiratória para reduzir o risco de resultados adversos”, indicam.

Na avaliação de Tal Patalon, chefe do Kahn-Sagol-Maccabi (KSM), um centro de pesquisa e

LAKRUWAN WANNIARACHCHI



Os cientistas não identificaram diferença significativa no número de cesarianas e de perda de bebês entre grávidas com e sem covid

inovação de Israel, a pesquisa é “tranquilizadora” porque indica que a infecção pelo novo coronavírus durante a gravidez não está associada a nenhum tipo de aumento nos casos de aborto.

“No entanto, deve-se lembrar que o grupo de pesquisa testou as variantes pré-delta, e isso não se refere à variante dominante hoje, que é a ômicron”, pondera. “Continuamos a realizar pesquisas para fornecer dados e conhecimento do mundo real ao público e aos tomadores de decisão”, garante.

OMS: casos dobraram em seis semanas

Os casos globais de covid-19 dobraram no planeta no último mês e meio, passando de cerca de 3 milhões de registros semanais para 6 milhões atualmente, advertiu, ontem, a Organização Mundial da Saúde (OMS). “Significa que pode haver mais hospitalizações e mortes nas próximas semanas”, alertou o diretor-geral da agência, Tedros Adhanom Ghebreyesus.

Segundo ele, a maioria das infecções parece pertencer à sublinhagem BA.5 da variante ômicron, considerada “de longe a mais contagiosa” desde o início da pandemia e com uma capacidade maior de causar reinfeção. Essa variante está presente em pelo menos 22 países e territórios das Américas, e a estimativa da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), braço da

OMS, é de que ela se torne predominante na região nas próximas semanas.

Tedros enfatizou ainda que o coronavírus responsável pela covid-19 “vai continuar a evoluir”, o que obriga as autoridades de saúde a se manterem alertas. “Alguns países já desmantelaram partes do seu plano de resposta à pandemia e estão correndo grandes riscos”, afirmou.

ENDOTERMIA

Ancestrais dos mamíferos tinham o sangue quente

A endotermia, ou o sangue quente, é a capacidade de mamíferos e aves de produzir calor corporal e controlar a própria temperatura. Até agora, não se sabia exatamente quando essa característica que os sustentam em quase todos os ecossistemas havia se originado. Um estudo divulgado na última edição da revista *Nature* sugere que ela apareceu ao menos 33 milhões de anos antes do surgimento dos primeiros mamíferos.

“Pela primeira vez, somos capazes de rastrear através da evolução a consequência direta da origem da endotermia na anatomia esquelética de nossos ancestrais pré-mamíferos. Este é um momento emocionante para o nosso campo de estudo”, afirma Julien Benoit, pesquisador sênior em paleontologia do Evolutionary Studies Institute, da Wits University, na África do Sul, e integrante da equipe internacional de cientistas que fez a descoberta.

Esse tipo de análise esbarra na dificuldade da identificação

da temperatura corporal em animais antigos. “O problema é que não se pode usar termômetros em fósseis. Então, não podemos calcular a temperatura corporal deles”, explica Ricardo Araujo, pesquisador da Universidade de Lisboa, em Portugal, e um dos autores do estudo.

A equipe apostou em uma metodologia que consiste na análise dos canais semicirculares do ouvido interno. Como acontece hoje, esses minúsculos condutores, por onde circulam um fluido, são essenciais para manter o equilíbrio. O aumento da temperatura faz com que o fluido fique mais leve, o que foi levando os canais internos a se tornarem mais estreitos, explica Araujo.

Foi essa característica que o grupo ficou atento ao analisar os canais semicirculares do ouvido interno de 56 espécies extintas de ancestrais dos mamíferos. “(O método) pode medir seu ouvido interno e dizer com precisão o quão quente está seu sangue”,

Luzia Soares



Reprodução artística de um ancestral dos mamíferos: característica pode ter surgido 33 milhões de anos antes do previsto

geralmente associadas à “mamificação”, como o surgimento de bigodes e peles distintas, também evoluíram mais cedo do que o imaginado. Outra constatação feita pelo grupo é de que a transição evolutiva para o sangue quente foi inesperadamente rápida em termos geológicos: durou menos de 1 milhão de anos.

Acredita-se que os ancestrais dos mamíferos foram desenvolvendo a endotermia à medida que a Terra. “Essa característica permite ser mais independente do clima, correr mais rápido e por mais tempo, explorar diferentes habitats, como as regiões polares, ou à noite, e realizar grandes migrações”, explica David. “Houve muitas inovações naquela época que começaram a definir o que é um mamífero e, eventualmente, o que seria um ser humano.”

explica, à agência France Presse de notícias (AFP), Roman David, do Museu de História Natural de Londres, também integrante do grupo. A

abordagem indica que o aquecimento do sangue teria começado há 233 milhões de anos, ou seja, no fim do período Triássico.

Rapidez

Essa nova data é consistente com recentes descobertas de que muitas das características